

MACHADO, José Pedro (1994): *Os estrangeirismos na língua portuguesa*, Lisboa, Ed. Notícias, Col. Linguística.

Estrangeirismos na Língua Portuguesa, de José Pedro Machado, publicado em 1994, pela Editorial Notícias, constitui o mais extenso e actualizado repertório de palavras estrangeiras usadas correntemente no português. Tomamos esta obra como objecto de análise, embora breve, e como ponto de referência para uma alusão — ainda mais breve — ao tratamento especializado que tem sido dado em Portugal, neste século, aos estrangeirismos.

Esta obra consiste numa *lista* de “estrangeirismos”, alfabeticamente ordenados, onde se propõe uma macroestrutura que, para além da nomenclatura propriamente dita, apresenta uma espécie de introdução temática — **as Notas Soltas** e ainda um **Esclarecimento** acerca do *modus faciendi*. A nível da microestrutura a obra apresenta-se tripartida com a entrada, a informação etimológica e a definição semântica correspondentes.

Não existem critérios lexicográficos claros para o tratamento da neologia de importação em português. Os dicionários disponíveis têm um comportamento dúbio e oscilante face às palavras de línguas estrangeiras usadas com frequência pelos falantes. Entre a omissão e o reconhecimento do óbvio, vão dando guarida a algumas, mais ou menos timidamente, em apêndices ou na nomenclatura do corpo do dicionário, segundo critérios de selecção nunca explicitados e dificilmente descortináveis.

Em terminografia, os passos também têm sido tímidos. Os vocabulários publicados estão longe de garantir terminologias normalizadas e estáveis nos diferentes domínios técnicos e científicos, o que dificulta a circulação do conhecimento e, sobretudo, a sua difusão junto dos não iniciados.

Os estrangeirismos, especialmente os anglicismos, são hoje uma realidade avassaladora. A primeira atitude sensata é reconhecer esse facto

linguístico. Na ausência de uma política nacional da língua neste âmbito, o tratamento linguístico circunscreve-se ao trabalho lexicográfico e terminográfico. Entretanto, esse trabalho não se esgota na elaboração dos dicionários gerais da língua e dos vocabulários especializados. Os primeiros, destinados ao falante médio, procuram contemplar as unidades lexicais estabilizadas pelo uso; dos segundos, dirigidos a especialistas, espera-se a fixação de campos terminológicos, ou seja, a estabilização dos termos.

Existe, pois, uma zona cinzenta que escapa à lexicografia e à terminografia. Nessa zona situam-se os estrangeirismos pertencentes à língua comum (na língua de origem) que tiveram uma entrada recente e os que têm uso pouco frequente ou restrito. Aí se situam ainda os termos técnicos estrangeiros banalizados e de difusão igualmente limitada. Para além do dicionário geral e do vocabulário especializado, há espaço para um meio próprio de captação da neologia de importação na sua primeira fase, caracterizada pelas incoerências, contradições, choques, sobreposições, etc. São os normalmente designados dicionários de estrangeirismos, com preocupações mais descritivistas ou mais normalizadoras, que constituem repertórios de potenciais unidades lexicais, do maior interesse para os falantes.

O livro de José Pedro Machado —*Estrangeirismos na Língua Portuguesa*— reveste-se de especial importância, porque surge neste espaço vazio. Além disso, representa uma nova visão da neologia de importação, depois de algumas décadas de silêncio quase absoluto neste domínio.

A abundância da nomenclatura, com elevado número de unidades estrangeiras, entre as quais muitas de entrada recente, e o equilíbrio das definições, entre a descrição e a normalização, conferem a esta obra o carácter de dicionário de estrangeirismos. Trata-se de uma publicação inovadora em relação a algumas afins editadas anteriormente. Tem como antecedente mais longínquo a obra de Cândido de Figueiredo, com o título *Estrangeirismos*, em dois volumes, publicada cerca de 90 anos antes.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

No início deste século, qualquer reflexão sobre a neologia de importação obedecia essencialmente a preocupações puristas. Daí a obra de Cândido de Figueiredo ter um pendor mais normalizador do que descritivo. Na introdução do primeiro volume, com o título *Razão da Obra*, o autor classifica os estrangeirismos em quatro categorias: os *imprescindíveis*, que *fazem parte do idioma nacional*; os *convenientes*, de cujo *discreto emprego podem advir vantagens*; os *toleráveis*, procedendo *louvavelmente quem os dispensa*; finalmente, os que *só se empregam por indesculpável ignorância ou por condenável desafecto à pureza da língua*. Embora se trate de um *copioso inventário de estrangeirismos de todas aquelas categorias*, adverte que *dos galicismos assinalam-se especialmente os que cumpre evitar ou substituir*. Algumas passagens atestam claramente esse carácter purista:

1. Da **“avalanche”** nem falar é bom (vol. I).
2. **“Cave”**: não é português (vol. I).
3. **“Contrôle”**: a **contraprova**, a **fiscalização**, a **intendência**, a **inspecção**, **poderiam**, segundo as circunstâncias, substituir o estrangeirismo **“contrôle”** (vol. II).
4. **“Dandy”**: desnecessário anglicismo.
5. **“Étape”** é francês puro. Em uso geral temos já **etapa**, embora galicismo.
É dos tais que se permitem, visto que em português só o poderíamos substituir por um circunlóquio. “Étape” é que se não permite, a não ser dos Pirinéus para lá (vol. I).

Após Cândido de Figueiredo, merece realce, já em meados do século, a obra de Vasco Botelho do Amaral, especialmente o *Novo Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*, editado em 1943, que contém uma relação completa dos estrangeirismos de uso corrente. Não se trata, entretanto, ao contrário de *Estrangeirismos* de Cândido de Figueiredo, de uma obra dedicada exclusivamente às palavras es-

trangeiras. Estas surgem aqui, conforme o próprio autor expressa na introdução, porque constituem uma das dificuldades da língua que remete para encontrar, na língua portuguesa, o termo ou os termos vernáculos correspondentes aos exóticos.

É, pois, objectivo deste dicionário de estrangeirismos, integrado numa obra mais vasta, indicar sobretudo os vocábulos vernáculos que podem traduzir, substituir ou evitar os forasteiros. Permanece a preocupação de esgotar todas as possibilidades lexicais vernáculas antes de adoptar a unidade estrangeira, ou seja, a preocupação purista. Os artigos estão elaborados em termos igualmente condenatórios, tal como o provam os seguintes exemplos:

- 1°. *“Avalanche”*: em último caso - *avalancha*.
- 2°. *“Cave”*: galicismo por *adega*.
- 3°. *“Contrôle”*: desnecessário francesismo.
- 4°. *“Dandy”*: desnecessário anglicismo.
- 5°. *Etapa, “étape”*: estrangeirismo desnecessário.

A obra de Vasco Botelho do Amaral representa o último grande esforço purista que caracterizou a primeira metade deste século. Os estudos linguísticos modernos, mais descritivos do que normativos, puseram termo à perseguição aos estrangeirismos. Mas não introduziram um novo método de análise, caindo-se naturalmente num vazio que levou ao permissivismo.

Nos últimos cinquenta anos, apesar dos novos contornos do fenómeno da neologia de importação—multiplicação do número de estrangeirismos e deslocação do espaço da sua proveniência para a área de língua inglesa—, as obras especializadas de referência continuaram a ser essencialmente as de Cândido de Figueiredo e Vasco Botelho do Amaral, cada vez mais desactualizadas e fora do seu tempo.

Igualmente atemporais são obras surgidas mais recentemente nos escaparates das livrarias sobre esta temática, porque ignoram a nova

realidade dos estrangeirismos. É o caso de *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*, de Rodrigo de Sá Nogueira (1ª edição: 1969; 4ª edição: 1995), e *Dicionário de Estrangeirismos*, de Francisco Alves da Costa (1990).

Rodrigo de Sá Nogueira, no seu repertório limitado, revela alguma atenção ao uso, admitindo e aconselhando, nessa base, o aportuguesamento de algumas formas, tal como o atestam os seguintes exemplos:

6. **“Chantage”**: *já é tempo de se aportuguesar definitivamente este francesismo sob a forma de **chantagem**.*
7. **“Contrôle”, controlar**: *aqui já não há remédio, creio eu. Estas duas formas criaram raízes.*

Curiosamente, alguns anos mais tarde, Francisco Alves da Costa, num inventário de estrangeirismos também limitado e pouco actualizado, não só não se rende ao uso como exorta à revolta e recuperação da pureza por este desbaratada. Os mesmos exemplos:

- 6'. **Chantage**: *com a palavra **extorsão** e um pouco de boa vontade, talvez pudéssemos desarraigá-lo do nosso idioma o galicismo **chantagem**.*
- 7' **“Contrôle”**: *consoante o sentido da frase, podemos substituir o francesismo “**contrôle**” por: **fiscalização, verificação, inspeção ou vigilância**.*

Esta reedição tardia do purismo constitui um facto isolado nas preocupações contemporâneas.

O primeiro e único trabalho publicado em Portugal com uma nova visão é *Estrangeirismos na Língua Portuguesa* (1994), de José Pedro Machado. A intransigência cede lugar, nesta obra, à compreensão. Compreender este fenómeno é o que, em primeira instância, se torna necessário. Assim, da perseguição ao estrangeirismo passa-se à descrição de um fenómeno linguístico real e actual.

ESBOÇO DE UM DICIONÁRIO DE ESTRANGEIRISMOS MODERNO

A INTRODUÇÃO

Uma das componentes fundamentais nos produtos lexicográficos (principalmente nos dicionários) é a existência e a qualidade de uma boa introdução onde se expõem as opções assumidas durante a sua elaboração tais como o tipo de produto que se pretendeu elaborar, o público alvo e as funções que se pretende que desempenhe.

As **Notas Soltas** ou mesmo o **Esclarecimento** desta obra têm, embora não declaradamente, essa função. Nas primeiras o autor tece algumas considerações sobre os processos de renovação e inovação lexical —nomeadamente sobre a neologia e sobre a importação lexical—, introduzindo de certa forma o tema foco da obra. Nessas considerações iniciais parece haver pouca clareza relativamente àquilo que se entende por estrangeirismo e àquela forma que, embora de origem não vernácula, já se integrou totalmente na língua de acolhimento, passando a fazer parte do fundo lexical do português. A nomenclatura desta obra reflecte, aliás, esta falta de clareza conceptual, onde estrangeirismo e neologismo são tomados como sinónimos.

No **Esclarecimento**, José Pedro Machado fornece-nos algumas indicações acerca das opções assumidas durante a elaboração deste trabalho, referindo as fontes da nomenclatura (sem destrinçar o número e o tipo de *jornais, revistas e livros* onde foi retirado o “corpus” deste dicionário), assim como esclarece também a forma como indica a proveniência da palavra, sendo mencionado que (1994:p.13) o *“idioma originário [é] aquele que exportou directamente para o Português a forma em causa, não aquele que lhe serviu de berço ou que as aparências ou a tradição podem indicar como nosso abastecido”*. Resta-nos saber como é que o autor obteve tal informação. Neste mesmo ponto é anunciada a microestrutura deste trabalho o que é de facto louvável e funciona, neste caso, como uma “instrução de uso” para o consulente.

Acresceria explicitar o público alvo deste produto lexicográfico (um trabalho lexicográfico não costuma servir consulentes distintos com necessidades e/ou objectivos diferentes) sendo as funções desta

obra mencionadas (1994:p.15) “*importa (...) explicar sucintamente cada elemento recolhido, porque em muitos casos, a sua aceitação ou a sua rejeição dependem de processos de julgamento confiados ao tempo*”.

No **Esclarecimento**, o autor assume ainda o fosso cavado entre este trabalho e os anteriores, afirmando coibir-se de juízos de valor de carácter purista, sendo esta uma das funções desta obra.

A MICROESTRUTURA

A nível da microestrutura, a obra caracteriza-se pela sua simplicidade, contendo, para além da entrada a negro, uma indicação sobre a origem directa da palavra vedeta entre parêntesis seguida da informação semântica e, em alguns casos, também do equivalente vernáculo.

Vejamos, agora, o tratamento dado agora aos cinco estrangeirismos tratados pelos puristas e que foram tomados como exemplo:

- 1”. “**Avalanche**”, fr. *Massa de neve que se destaca e escorrega por uma vertente. Ver **alude**.*
- 2”. “**Cave**”, fr. *Lugar com abóbada subterrâneo; adega [...].*
- 3”. **Controle**, adaptação escrita do fr. “**contrôle**”, *verificação administrativa; vigilância, exame minucioso; domínio.*
- 4”. “**Dandy**”, ing. *Janota, peralta. Já se usa a grafia **dândi**.*
- 5”. “**Étape**”, fr. *Uma das distâncias a percorrer durante uma viagem ou uma prova desportiva; percurso.*

Já não estamos perante uma lista de palavras a encabeçar juízos de valor, mas face à estrutura simplificada de um dicionário: a entrada ou cabeça de artigo e a definição semântica. Em alguns casos, com informações complementares, como a remissão para uma forma vernácula concorrente, caso de *alude* em “*avalanche*”, ou a indicação do respectivo aportuguesamento, caso de *dândi* em “*dandy*”. A definição, ou seja, a significação do vocábulo estrangeiro assim disponibilizada ao consulente permite-lhe obter o conhecimento da realidade expressa (nova ou não), integrá-lo na sua representação conceptual do mundo e

reorganizar, se necessário, a sua própria estruturação lexical. A imposição de uma alternativa vernácula sem explicitação do conceito em causa poderá funcionar como um incentivo ao uso do estrangeirismo, por causa do seu valor enigmático. Por outro lado, um processo totalitário deste tipo, sem possibilidade de livre escolha, cria, obviamente, mecanismos de rejeição contraproducentes. A comprová-lo temos a luta inglória dos puristas contra alguns estrangeirismos, como visto atrás.

Trata-se, de facto, basicamente, de um verdadeiro dicionário de estrangeirismos, com a microestrutura, como já referido, e a macroestrutura. Quanto à primeira, como já dito, é uma estrutura muito simples, faltando-lhe, todavia, informações importantes, nomeadamente: fonéticas (pronúncia do vocábulo na língua de origem), morfológicas (classificação gramatical e formação do plural), área de uso (domínio técnico ou científico) e sintácticas (emprego na frase, ilustrado através de exemplos e abonações).

A MACROESTRUTURA

Relativamente à macroestrutura, ou seja, a nomenclatura e a sua organização, é desde logo visível uma incoerência nas cinco entradas reproduzidas: quatro são estrangeirismos e uma é um aportuguesamento, portanto um neologismo de importação (**controle**). Seria de esperar que, em coerência com o próprio título, toda a informação a dar fosse sobre os estrangeirismos “na Língua Portuguesa”. Daí esperar-se que todos os artigos tivessem como cabeça palavras estrangeiras. A falta de delimitação de conceitos e respectiva terminologia deste domínio é denunciada pelas próprias palavras do autor no capítulo *À Guisa de Conclusão*, quando diz que (1994:p.252) “nas páginas anteriores ficaram registados perto de 3900 estrangeirismos [...]”, para depois retomar (1994:p.253): “Vejam agora a distribuição numérica decrescente, e por idiomas, dos neologismos que atrás registei”. Estrangeirismo e neologismo são assim tomados como sinónimos, daí surgirem aleatoriamente uns ou outros como cabeça de artigo. Por clareza conceptual não se pode aceitar esta sinonímia nem a sua tradução prática.

O que realmente se verifica é que não estamos perante um dicionário de estrangeirismos, mas perante uma obra mista que, além destes, inclui também empréstimos, alguns sem qualquer sabor neológico. O sentido de pertença estrangeira vai-se progressivamente desvanecendo numa sequência como esta, retirada das entradas registadas nesta obra:

8. “*lobby*”, “*meeting*”, “*squash*”, “*stress*”;
9. “*écran*”, “*pudding*”, “*rally*”, “*ski*”;
10. “*marquise*”, “*matinée*”, “*serie*”;
11. “*cantina*”, “*caricato*”, “*entorse*”, “*sabre*”;
12. “*sanidade*”, “*soldo*”;
13. *eclosão, equipagem, esplanada, estafermo, garagem, salpicão.*

Em 8. temos um conjunto de estrangeirismos claramente sentidos como tal pelo falante comum, já que não coincidem com formas aportuguesadas. Em 9., pelo contrário, os respectivos aportuguesamentos são frequentes (*ecrã, pudim, rali, esqui*), sem que, contudo, essa indicação seja dada. Trata-se, pois, de formas concorrentes com os aportuguesamentos e por isso mais familiares. Em 10., são igualmente vulgares os aportuguesamentos (*marquise, matiné, série*), sem que, do mesmo modo isso seja indicado nos respectivos artigos. Nestes casos, as formas dos aportuguesamentos são muito semelhantes às estrangeiras, por isso menor o seu grau de exotismo. As entradas de 11. são apresentadas como estrangeirismos, quando, na realidade, nenhum falante hoje as sente como tal. Trata-se de vocábulos que entraram no léxico do português no século passado¹. Menos estranho ainda é o sentimento experimentado perante as duas entradas de 12. Além da sua sentida e atestada vernaculidade, nem sequer são oriundas de línguas modernas (espanhol e italiano), mas do latim, como o próprio autor em outra obra sua e com maior autoridade confirma². Finalmente, em 13. temos um conjunto de palavras sentidas como portuguesas, embora emprestadas de línguas modernas, mas de que se perdeu já a consciência, porque se trata de aportuguesamentos muito antigos³.

1 Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*.

O “corpus” constituído e tratado, ou seja, a nomenclatura seleccionada, é, pois, estranhamente heterogéneo, revelando, sobretudo, a dificuldade em delimitar o conceito de estrangeirismo. Tratando-se de um dicionário de estrangeirismos, seria de esperar que as entradas se limitassem exclusivamente a lexias sentidas e usadas como estrangeiras, com a grafia de origem. Mesmo que se tratasse de uma obra sobre a neologia de importação, surgindo então unidades aportuguesadas e com a forma de origem, dificilmente se compreenderia a inclusão de vocábulos como os de 11., 12. e 13., em relação aos quais os falantes de português não experimentam qualquer sentimento de novidade ou neológico. O facto de o autor, um lexicógrafo com larguíssima experiência, não estabelecer com rigor estas fronteiras conceptuais é sintomático do desprezo a que tem sido votada nos últimos tempos a questão da neologia lexical de importação.

A cruzada da pureza da língua, na primeira metade do século, teve como alvo sobretudo o francesismo, já que a invasão provinha essencialmente de França. Na segunda metade do século, a invasão intensificou-se, desta feita, com deslocação do ponto de origem para o espaço de língua inglesa —Estados Unidos da América e Inglaterra. Os anglicismos, inatacados, ultrapassam em grande número os francesismos. Seria de esperar que a obra em análise desse conta da nitidez dessa deslocação e dessa desproporção. Ora, José Pedro Machado regista 1199 entradas francesas e 1279 inglesas, uma distribuição que está longe de corresponder à realidade actual. Uma observação atenta ao uso de estrangeirismos, na imprensa, por exemplo, revela-nos um desequilíbrio a favor do inglês muitíssimo mais acentuado.

O facto de o predomínio de anglicismos não se reflectir na nomenclatura desta obra revela alguma falta de actualidade. Não regista muitas palavras inglesas de uso alargado e corrente, nem os respectivos aportuguesamentos. Alguns exemplos: *airbag*, *american dream*, *american way of life*, *aquapark*, *baby-boom*, *backstage*, *bip*, *bookmaker*,

2 Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*.

3 Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*.

brushing, cartridge, case study, CD, clone, cluster, copywriter, crash, deadline, dividend yield, e-mail, entertainment, feeling, fifty-fifty, heavy metal, high profile, homeless, hydrofoil, inter-rail, jet-ski, low profile, megabyte, opinion maker, passing shot, pay-out, playmate, prize money, sample, serial, sniper, soap, softcore, speed, spoiler, stage, tape, timer, walkman, workshop.

O número de palavras coligidas e definidas —3884— não se aproxima da totalidade de estrangeirismos de uso corrente na língua oral e escrita. Se a este número retirarmos os 960 latinismos tratados, ficamos com menos de 3000 palavras das línguas modernas, o que está longe da realidade actual. Como fonte de recolha, o autor indica vagamente *textos modernos* (1994:p. 352). Não se sabe se nesses textos está incluída a imprensa ou se a procura foi exaustiva. De qualquer modo, através deste número é dada uma versão branda do fenómeno da proliferação dos estrangeirismos, especialmente anglicismos, nas últimas décadas.

BALANÇO FINAL

Apesar dos aspectos menos conseguidos mencionados ao longo desta recensão, a obra de José Pedro Machado é um sério contributo para entender o fluxo de estrangeirismos, a sua pertinência e o seu impacto linguístico.

Poder-se-ia exigir mais de uma obra deste tipo. O próprio autor reconhece, em *À Guisa de Conclusão* (1994:p.253): “*poderia apresentar subgrupos por especialidades, a fim de se verificar quais as áreas em que a Língua Portuguesa mais necessitou de influências estranhas e onde as foi procurar*”.

Poderia ainda, acrescentamos nós, dentro desta linha de preocupação, fornecer indicações, em cada artigo, sobre o valor denotativo ou conotativo de cada uma das unidades. Isto, para além das debilidades e insuficiências estruturais apontadas. Mas o objectivo fundamental foi claramente alcançado.

José Pedro Machado está, pois, de parabéns pelo serviço que pres-

tou à língua portuguesa, dado que elaborou um dicionário de estrangeirismos que, sem prescrever nem proscreever, ajuda a compreender este fenómeno.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Vasco Botelho de (1943): *Novo Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*, Porto, Editora Educação Nacional.
- COSTA, Francisco Alves da (1990): *Dicionário de Estrangeirismos*, Lisboa, Editorial Domingos Barreira,.
- CUNHA, António Geraldo da (1982): *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, 1986.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1899): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Tavares Cardoso, 1ª edição.
- (1902): *Estrangeirismos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 5ª edição, 1938.
- (1912): *Estrangeirismos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 2ª edição, 1921.
- MACHADO, José Pedro (1952): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 7ª edição.
- (1994): *Estrangeirismos na Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Notícias.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1969): *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*, Lisboa, Clássica Editora, 4ª edição, 1995.

António Lavouras Lopes (Academia das Ciências de Lisboa)

Ana Rebello de Andrade (Instituto Superior de Educação e Ciências)